

Gravação: ep03_cavaco_vimeo_2.0

Duração: [00:28:13]

Legenda	Descrição
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Rodrigo Gnattali
Orador C	Gabriel
Orador D	Henrique

Início da Transcrição [00:00:22]

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos. Do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria? Essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do cavaquinho. Vamos nessa. Tão batendo na porta aqui. Rodrigo, como vai? Tudo bem? Eu sou o Suzano. Tudo legal?

Orador B: Prazer.

Orador A: Muito prazer, cara.

Orador B: Tamo chegando.

Orador A: Oi. Tudo bem? Como vai?

Orador C: Gabriel. Prazer.

Orador A: Prazer, Gabriel. Beleza? Você acha, assim, que pelo cavaquinho ser menor do que o violão, ele é mais fácil de ser feito?

Orador B: Olha, essa foi uma ilusão que eu tive, quando eu comecei a fazer. Resolvi fazer cavaquinho.

Orador A: Aí falou: vamos lá que é mamão. Moleza.

Orador B: Verdade. Primeiro, se você tiver mão grande, fica um desespero mexer lá dentro, né?

Orador A: Entendi.

Orador B: Porque no violão você tem...

Orador A: Olha, isso é uma coisa interessante.

Orador B: É. A boca do instrumento é... o instrumento, qualquer coisa que você tenha que fazer, depois que você fechou a caixa...

Orador A: Tchau.

Orador B: É melhor que não tenha mais nada pra fazer dentro, né? Fora isso, assim, é a superfície de... de lixar, de envernizar, os outros instrumentos maiores, você tem um certo... mais trabalho, por um lado.

Orador A: Mais trabalho. É.

Orador B: Mas são as mesmas peças, as mesmas etapas, né? Mas quando eu comecei a fazer o cavaquinho, porque eu tava parado há algum tempo. Trabalhando só assim, com reparo, algumas coisas. E a construção, eu nunca tinha começado. Porque eu não podia, não tinha as máquinas ainda, enfim. Aí tive a oportunidade. Há... quando eu resolvi continuar, eu falei: “eu não vou começar direto nos violões não. Eu vou começar em algo que é mais fácil.”

Orador A: Aí você falou: “ok...”

Orador B: Me dei mal. Me dei bem no final, mas...

Orador A: É.

Orador B: Hã... aí a primeira coisa que eu fiz foi eu falei: “pô, vou consultar quem entende, né?”

Orador D: Porque todo mundo acha que o cavaquinho é um violão pequenininho, né? Mas tem uma diferença do ponto de vista do esforço físico que é uma coisa que faz com que, muitas vezes, os... os “luthiers” de violão quando vão fazer cavaquinho, eles acabam fazendo instrumentos que funcionam até bem. Mas não duram nada. Tem um problema de... de durabilidade. Porque a estrutura... o violão faz muito menos força, a estrutura do violão, do que o cavaquinho. Uma pequena alteração num detalhezinho dá uma grande diferença no cavaquinho. Muito maior a diferença do que no violão. Porque tudo é mais crítico. Tudo é mais resumido. Mas eu sempre tive vontade de fazer a experiência, né? E sempre propus aos “luthiers”: “vamos tentar. Vamos experimentar pra ver como que fica.” então é... por exemplo, esse cavaquinho aqui que o... que foi o primeiro cavaquinho assim, mais... mais caprichado, lá do... do Rodrigo Gnattali, ele... eu propus a ele: vamos fazer uma experiência bastante radical. Vamos usar os... os trastes né, mais largos e mais pesados, mais fortes do que... do que a média dos cavaquinhos. Os caras ficam usando aqueles trastes, magrinho, fininho. Aí resultado: você... você não consegue ter um som... você fazer um efeito desses. Aí nós fizemos um teste radical. Esse instrumento tem um traste realmente muito mais grosso. Mas chegamos às conclusões. E chegamos às conclusões, que a gente tinha passado um pouco da... da... do... do ponto. Então, a partir dessa experiência, ele já passou a usar um... que é um número a menos do que esse aqui.

Orador A: Esse é um modelo né, que o Henrique usaria, é esse aí?

Orador B: Esse aqui é um pouco diferente. O dele tem até... que eu batizei com o nome dele esse modelo, Henrique mesmo...

Orador A: Ah, o nome do Henrique?

Orador B: É. Que ele gosta numa caixa bem mais larga. O meu tradicional é esse... é essa espessura aqui. Tá vendo?

Orador A: Ahã.

Orador B: Esse aqui é um pouco mais fino, que é justamente o da Luciana, que ela gosta de mais fino.

Orador A: Ah, a Luciana. Esse é o teu modelo mais fininho, que eu comentei.

Orador B: É. Esse é o modelo Luciana. Em homenagem à Luciana Rabello, que é feito pra ela. Quando é um instrumento feito por encomenda...

Orador A: Certo.

Orador B: Você tem várias vantagens.

Orador A: É. Isso.

Orador B: Por exemplo, desde a marcação da escala. Quais escalas que você gosta?

Orador A: Entendi.

Orador B: Eu abro essa... pra pessoa personalizar do jeito que ela quiser.

Orador A: Entendi.

Orador B: Ela escolhe a roseta que vai botar, enfim.

Orador A: Claro.

Orador B: E aí eu pergunto também: “Você tem... você tem mão pesada? Ou você toca leve? Você gosta de tocar centro ou toca solo?” Isso aí, com as escolhas das madeiras, principalmente do tampo.

Orador A: A madeira vai fazer toda a diferença.

Orador B: É. Cedro, ele dá uma coisa mais cheia, né? E, talvez, o solista goste mais de um... de um tampo de pinho.

Orador D: Tem uma questão também na “lutheria” do cavaquinho que é a resistência do instrumento. Porque o cavaquinho, se ele tiver uma estrutura forte, ele vai ter um som agudo, né? Ele não vai ter esse corpo, né? Se ele tiver uma estrutura mais forte, só vai sair agudo. Não vai ter isso. E se ele tiver uma estrutura muito fraquinha, ele vai se deformar todo. Vai durar um ano e... e vai acabar. Porque o tampo não vai aguentar. Então é um...é um cobertor

curto. Você tem que fazer o suficiente pra ele resistir, sem pesar demais. Por exemplo, aqui – eu até brinco com o Rodrigo – ele... ele arriscou pouco. Ele... ele pode arriscar. Hoje em dia ele já tá arriscando um pouquinho mais. Esse cavaquinho já tem três anos. Ele tá arriscando um pouquinho mais. Em volta do... daqui, ele pode usar um pouco menos de espessura no tampo. Isso vai dar mais... mais projeção ao som, né? É... mas você vê: o instrumento, ele tá completamente estável. Em três anos de uso.

Orador A: Há sempre uma... uma tentação em se... ter uma assinatura, tipo, diferente...

Orador B: Sim, sim.

Orador A: Não é só colocar um símbolo ou um tipo de machetaria...

Orador B: Ahã.

Orador A: Mas assim: uma assinatura é... na construção, né?

Orador B: Ahã.

Orador A: Mas acaba que vai ali, vai aqui, não tem muito...

Orador B: Você tem uma margem de segurança que você pode...

Orador A: Exatamente...

Orador B: Que você pode fazer isso, né?

Orador A: É.

Orador B: Eu aprendi com o meu primeiro, meu segundo professor, que foi o João Nunes. Não sei se conhece. Lá do Rio.

Orador A: Ahã.

Orador B: O João é uma figura fantástica. E ele... eu fiquei um ano na oficina dele. E tipo assim: aprendi muito olhando. Mais do que ele falando as coisas. Mas de vendo o que ele fazia no dia a dia. Hoje em dia eu fico lembrando. Se eu pudesse voltar no tempo, eu ia absorver muito mais, né?

Orador A: Claro.

Orador B: Mas eu via o tempo que ele gastava. Não perdia, né? Gastava. Em experiências. Aí ele tinha um violão lá, que ele tirava o fundo.

Orador A: Cobaias, né? Umas cobaias.

Orador B: É. Ele mudava. Na-na-na. Botava o fundo. Aí tirava o fundo. Quer dizer, é um trabalhão. Mas tava sempre experimentando. É um cara que já tava formado. Então, podia ter se acomodado, né?

Orador A: Entendi.

Orador B: Então eu aprendi essa coisa dele. Cê tem que tá pesquisando, tentando evoluir o projeto sempre. Esse aí tá razoável. Vê o outro. Melhorou esse lado de cá.

Orador A: Ahã.

Orador B: Mais ou menos a mesma situação. Você parou aqui... não, não. É sério Gabriel. Apoia ela aqui legal. Não precisa... eu tô fazendo força aqui, tá vendo? Mas...

Orador A: Pegar só na ponta mesmo.

Orador B: É. Já mede e já ver de novo.

Orador C: Tá.

Orador D: O Rodrigo, eu conheço a família, né? Porque eu era amigo do avô dele, do Radamés Gnattali. É... eu tive a sorte danada de, com vinte anos de idade, tocar na Camerata Carioca com o Joel Nascimento, né? E tanto o Joel Nascimento... ele entra aqui na conversa, não só por ter sido o criador e o líder da Camerata Carioca. Mas pelo fato de que o Joel era uma pessoa que já tava muito adiantado com essa questão da “lutheria”. E um dia, o Joel apareceu com uma... com uma escala de bandolim espetacular. Afinadíssima. Eu falei: “pô, eu quero fazer uma escala pro meu cavaquinho assim também.” Porque inclusive eu não... eu não podia tocar certo repertório, né? Porque o repertório, por exemplo, essa região aqui... eu não podia tocar essa música. Porque quando eu fazia isso, era totalmente desafinado. Então, o Joel me levou na oficina do Mário Jorge Passos. E o Mário Jorge fez a primeira escala afinada pra um cavaquinho, pra mim. Assim. E eu me lembro que quando ficou pronto, eu passei uma semana tocando. Pra comemorar aquilo. Eu tava doido pra tocar essa música e

não tocava por causa que não podia. Não tava afinado. Então, na convivência de quinze anos com o Mário Jorge, depois o Tércio e agora outros “luthiers” como o Rodrigo, que já é de uma outra geração, você também já vê uma diferença, né? Porque você vê que o fato das... das pessoas “tarem” mais conectadas, de existir esse trânsito de informação pela internet e tudo, facilita muito, né? Você pode adquirir ferramenta. Adquirir material. É uma coisa que antigamente nós vivíamos... o Brasil era um país isolado do mundo.

Orador B: Quando eu tava lá no Jorge, ele falou uma coisa muito legal. Ele falou: “olha Rodrigo, o meu primeiro violão que eu fiz – que eu resolvi fazer um dia – ficou uma droga.”

Orador A: Ficou uma porcaria.

Orador B: É. “Aí o segundo ficou um pouco menos ruim. trinta anos depois tá legal. Então o primeiro violão que você tá fazer... o seu primeiro violão...” Que tava vindo da escola dele, né? “Já vai ficar legal.” Pelo menos, comparado ao primeiro dele.

Orador A: Isso. Isso.

Orador B: Já o cavaco eu não tive essa sorte.

Orador A: Sim.

Orador B: Então, quer dizer, como eu comecei autodidata praticamente. Aí eu fui atrás do pessoal...

Orador A: Isso.

Orador B: Que eu pudesse ter algum contato, provavelmente por ter conhecido meu avô e tal. Foi o Henrique, a Luciana.

Orador A: O Henrique, a Luciana.

Orador B: E aí cheguei com... não foi nem o primeiro que eu levei. Eu falei: “vou fazer um cavaco e vou levar pra ela.” Eu falei: “não, não vou levar.” Fiz mais três cavacos. Também não levei. Fiquei um ano praticamente fazendo cavaco é que eu tive coragem de mostrar. Aí bati na porta e falei: “eu sou fulano, não sei o quê.” Mostrei. E falei: “o quê que cê acha?” Aí falaram tudo que tinha de ruim. Tudo que tinha de bom. E aí eu pedi pra avaliar. Eu falei: “quanto cê acha que esse cavaco vale?” Então, outra coisa que eu gosto muito é que eu não

dou preço nos meus instrumentos. Quem dá preço são os músicos. Esses meus consultores, no caso, né? Então se alguém vier falar: “tá caro. Tá barato.” Eu falo: “você discute lá com o Henrique.”

Orador A: É mesmo é? Que interessante.

Orador B: Você acha que você sabe mais que ele?

Orador A: Então, tua tabela de preço: “telefonar para...”

Orador B: Uma das principais características, talvez, pro “luthier” é a paciência.

Orador A: A paciência.

Orador B: A paciência. “Ah, eu não tenho o dom.” O dom ajuda; claro. Mas o principal é a paciência.

Orador A: Quanto tempo você leva pra fazer um cavaco, assim?

Orador B: Muita gente pergunta isso. A questão é o seguinte: nunca tô fazendo... parando tudo pra fazer um cavaco. Se cê parar tudo pra fazer um cavaco aí, talvez, em uma semana. Não sei.

Orador A: Entendi.

Orador B: Mas cê tem que dar aula. Cê nunca... isso eu aprendi com o Jorge também. Cê nunca faz um instrumento só. Porque, às vezes, pra você fazer uma etapa, você tem que regular um milhão de coisas, assim, máquina, fresa, não sei o quê, altura. Então, se você faz tudo isso pra fazer uma peça, você faz logo três.

Orador A: Certo.

Orador B: Entendeu? Isso foi um grande ensinamento.

Orador A: Certo. Entendi.

Orador B: Então assim, é difícil dizer assim: “um cavaco, quanto tempo eu levo pra fazer?” Mas eu... eu costumo pedir pros clientes três meses pra entregar.

Orador A: Três meses?

Orador B: É.

Orador D: Eu gosto de instrumento com essa... com essa combinação: jacarandá com pinho e goma laca. O instrumento com tampo de pinho, ele... quando ele fica pronto, ele não está pronto. Ele vai levar um tempo. Por exemplo, o... o outro cavaquinho do Tércio, que eu tenho, um que eu uso... quase não saio de casa com ele. Uso pra gravar. Ele não... ele não apanhou tanto quanto esse aqui. Ele agora, com dez anos do uso, ele atingiu aquele ponto. Mas ele... e é engraçado. Porque tem uma diferença sensível. Eu gravei um disco com ele sobre o Garoto. É... o cavaquinho tinha um ano de uso. Outro dia eu fui escutar o disco. Eu toco sempre com... com esse instrumento em casa. Quando eu escutei, eu falei: “caramba, como mudou o som do... do cavaquinho.” Ele mudou muito de um ano, pra dez anos. Então, o instrumento de pinho. Já o instrumento com aquele... com aquele tampo de... de cedro, né? De... de “cedar” né, como eles chamam cedro em inglês. Como é o caso do violão ali. É... esses instrumentos é... quando nascem tão prontos. Então, do ponto de vista do negócio da “lutheria” é muito melhor por “luthier” fazer um instrumento de cedro. Primeiro porque é mais barato até em termos de madeira. Segundo, porque quando o instrumento tá pronto, o cara experimenta e o instrumento tá pronto.

Orador A: Isso é?

Orador B: Isso vai ser um braço. De cedro.

Orador A: Cedro.

Orador B: É.

Orador A: Você começaria pelo braço?

Orador B: Poderia começar por outras partes. Porque você vai fazendo tudo separado, até o momento que cê junta, né?

Orador A: Monta.

Orador B: Aí o braço, cê vai construindo ele até o momento em que aqui ele já tá praticamente pronto. Cê já tem o salto já pré-esculpido. A mão também, já praticamente toda pronta. Ainda falta fazer o meu detalhe – que é bem característico – outra coisa também, que é esse chanfro aqui também, que isso aí... esse formatinho aqui...

Orador A: A escavação aqui no cantinho, né?

Orador B: É. Tem gente que faz reto, quadrado, cê já deve ter visto.

Orador A: Ahã.

Orador B: Tem gente que faz redondo.

Orador A: É.

Orador B: Aí paralelamente você vai fazendo...

Orador A: O corpo...

Orador B: A caixinha. É. O corpo.

Orador A: A caixa, né?

Orador B: Tá? Então, depois já tá com fundo e tampo, você bota os frisos.

Orador A: Ahã.

Orador B: Aqui tem um que tava ainda colando os frisos. Aí depois que você colocou os frisos, você pode juntar essas duas peças.

Orador A: Ahã.

Orador B: Assim. Aí cê vai ter...

Orador A: Já tá saindo desse estágio aí.

Orador B: Aqui. Aí depois que você juntou isso, aí você pode pegar aquela escalinha que já foi sendo feita também, paralelamente.

Orador A: E colar.

Orador B: E colar. Tá? Então aqui já tá pronto, praticamente, pra receber os trastes agora. As pessoas me perguntam: “ah, você... o seu cavaco já vem com captador?” Eu falei: “não. O meu só acústico. Se... se me der o cavaco durante a construção, eu até coloco, encomendado.” Entendeu?

Orador A: Entendi.

Orador B: Mas eu até prefiro não. Então, por exemplo, o Henrique, que é um dos meus nortes no cavaquinho, ele gosta dum captador lá. Aí você tem a Luciana também.

Orador A: Tá.

Orador B: Que é outra também né, super do cavaquinho.

Orador A: É. É.

Orador B: E os dois têm estilos totalmente opostos.

Orador A: Totalmente oposto. Completamente.

Orador B: É oito e oitenta.

Orador A: É.

Orador B: Então assim, isso foi ótimo pra mim. Eu tenho contato direto com os dois. Adoro os dois.

Orador A: É.

Orador B: E aí, isso foi um ensinamento pra mim. Pô, um gosta de uma coisa e o outro gosta exatamente do oposto ali.

Orador A: Do oposto.

Orador B: Aí, quem que tá certo? Ninguém.

Orador A: Ninguém.

Orador B: Porque os dois são mestres.

Orador A: Exatamente.

Orador B: Então assim, eu prefiro... o captador que ela gosta é outro. Então assim, se eu encarecer meu instrumento em mil reais, por causa de um cavaquinho e a pessoa não gostar...

Orador A: É.

Orador B: Então eu faço a parte acústica...

Orador A: Claro.

Orador B: O resto vocês se viram.

Orador D: Um dos motivos que o cavaquinho, por exemplo, levou dez anos pra chegar no seu... no seu resultado, realmente maravilhoso. Foi porque ao longo desses dez anos, a madeira foi absorvendo mais um pouco daquilo ali. As fibras foram... tem um processo é... é... microscópico. Então existe, por exemplo, o recurso de uma resina. Que é uma resina até, que fica meio amarelinho. Que é uma... ela... ela... essa resina, ela... você acaba de envernizar o instrumento. E é como se o instrumento já nascesse com cinco anos. Entendeu? Você dá uma... dá uma envelhecida nele. E essa resina é... ela era usada já há quatrocentos anos na região de Cremona, os caras que faziam os violinos lá, os instrumentos de arco. Então é... é uma mistura do... da... da coisa mais “high tech” com aquilo que é um conhecimento empírico mais antigo. E tudo isso combinado com arte né, e tendo que ter a interlocução pra caminhar. É um... eu acho fascinante, né?

Orador B: Eu acho que... que os instrumentos tão melhores hoje do que antes.

Orador A: Estão melhores hoje do que antes?

Orador B: É. Aí você pega um instrumento de cem anos: “pô, que som. Antigamente eles faziam melhor.” Não. Porra. Você tem uma madeira que envelheceu cem anos.

Orador A: É.

Orador B: Então é muito mais pela... pelo envelhecimento do que pela feitura. Como qualquer ciência, eu acho que tá evoluindo. São melhores técnicas, melhores materiais. As máquinas são... tão aqui pra auxiliar.

Orador A: É. É.

Orador B: Eu acho que você botar um negócio ali e você apertasse um botão e sai pronto. Aí também já não sei. Mas pro “luthier”, ainda mais se você quer viver disso, você não pode ficar só no manual, né?

Orador A: Claro. Ajuda a sua escala de produção.

Orador B: A não ser que o seu instrumento custe cem mil reais. Que você faça um por ano. sei lá, enfim. É... cê tem que ter uma escala de produção. Então... e não só isso. Então assim: a máquina vai te dar rapidez, vai te dar consistência pro instrumento. Isso eu muito aprendi com os músicos. Que é fundamental você confiar no que o “luthier”... você: “ah, gostei desse instrumento dele. Pô, mas o próximo que ele faz ficou totalmente diferente. Ficou uma droga.”

Orador A: Exatamente.

Orador B: Então assim: você manter a qualidade...

Orador A: A qualidade...

Orador B: Isso é importante. E a máquina ajuda.

Orador D: O som, ele provoca criação. Não é isso?

Orador A: Isso.

Orador D: Você, de vez em quando, você pega um instrumento lá, que tava guardado. Há um tempo que cê não toca ele. Cê dá uma ajeitada nele. Aí sai um som diferente.

Orador A: É.

Orador D: Aquilo te dá uma ideia duma música.

Orador A: Exatamente.

Orador D: Essa... essa coisa. Por exemplo, eu... eu... eu quero mostrar pra vocês aqui, um negócio. Por exemplo, esse...

Orador A: Sim?

Orador D: Esse cavaquinho aqui do Gnattali, eu... eu tenho usado ele pra dar aula na universidade lá.

Orador A: Ahã.

Orador D: Porque eu uso em Ré-Sol-Si-Ré. Porque eu uso normalmente o meu cavaquinho em Ré-Sol-Si-Mi.

Orador A: Ahã.

Orador D: Pra solo e tudo.

Orador A: É?

Orador D: É melhor e tal. E... e de tanto ficar lá, tocando... tocando com esse instrumento, eu compus um estudo inspirado no som desse cavaquinho.

Orador A: Olha que interessante.

Orador D: Porque você começa a procurar uns efeitos, né? E os... e os efeitos é... então é... é... o... o... eu acho que, na verdade, quando eu digo, quando eu falo parceria. Não é só a parceria no som. Às vezes, é parceria nas ideias mesmo. Se você quiser ter um... um... um resultado particular, um resultado seu, um som que você possa ser identificado pelo aquele som, que aquilo reflita o seu gosto, a sua personalidade, a sua cultura, tudo... o seu projeto de som na cabeça. Você correr atrás daquilo. Você tem que ter um “luthier” pra fazer o..., né? Pra mexer no instrumento junto contigo.

...

Fim da Transcrição [00:26:35]